

# Faltam salas de aula para turma de 90

JOAQUIM CARVALHO

Os seis milhões de alunos que, em fevereiro devem chegar às escolas públicas de São Paulo, correm o risco de começar o ano letivo em classes superlotadas ou improvisadas. Antes mesmo de fechar os dados da primeira semana de matrículas para a primeira série do primeiro grau, encerrada na sexta-feira, a Secretaria de Educação já trabalha com a perspectiva de um início de aulas problemático. Nas escolas municipais de São Paulo, a situação é semelhante.

A razão da ameaça de colapso no ensino público é a timidez com que o Estado e a

Prefeitura investiram este ano em construções escolares. Até março, a Secretaria Estadual de Educação exibiu com orgulho sua contabilidade escolar. Em dois anos de administração, o então secretário Chopin Tavares de Lima somava a construção de 2.440 novas salas de aula — o que representava a média de três novas salas de aula a cada dia de governo.

Embora incapaz de tornar a escola pública um serviço de boa qualidade, esse ritmo de construção acompanhava de perto a média de escolas construídas pelo governo anterior, de Franco Montoro, que em quatro anos ergueu mais de 5.200 salas de aula no Estado.

De março até agosto deste ano, entretanto, o ritmo de construção caiu praticamente a zero. “Vai ser difícil tirar o atraso”, constata o professor João Fiorini, coordenador de Ensino na Grande São Paulo.

Embora admita a dificuldade de retomar o mesmo nível de vagas existentes no início deste ano, Fiorini garante que nenhuma criança que procurar a escola pública ficará sem estudar. “Estamos esperando terminar a campanha de matrícula na primeira série do primeiro grau, para nos reunirmos na Secretaria de Educação e planejarmos o atendimento à clientela do próximo ano”, diz ele, que es-

tá há apenas dois meses na função.

## CAMPANHA

Até quinta-feira, as mil escolas estaduais da Grande São Paulo e as 331 escolas municipais da Capital haviam recebido a matrícula de 98.393 crianças. As Secretarias Estadual e Municipal de Educação, que há três anos organizam campanhas conjuntas de matrícula, estimavam que até sexta-feira 130 mil crianças já estavam matriculadas. Esse número fica um pouco acima do total de matrículas registrado no mesmo período em 88: 123.566.

Como as matrículas deste ano ainda não atingiram o número estimado, as escolas

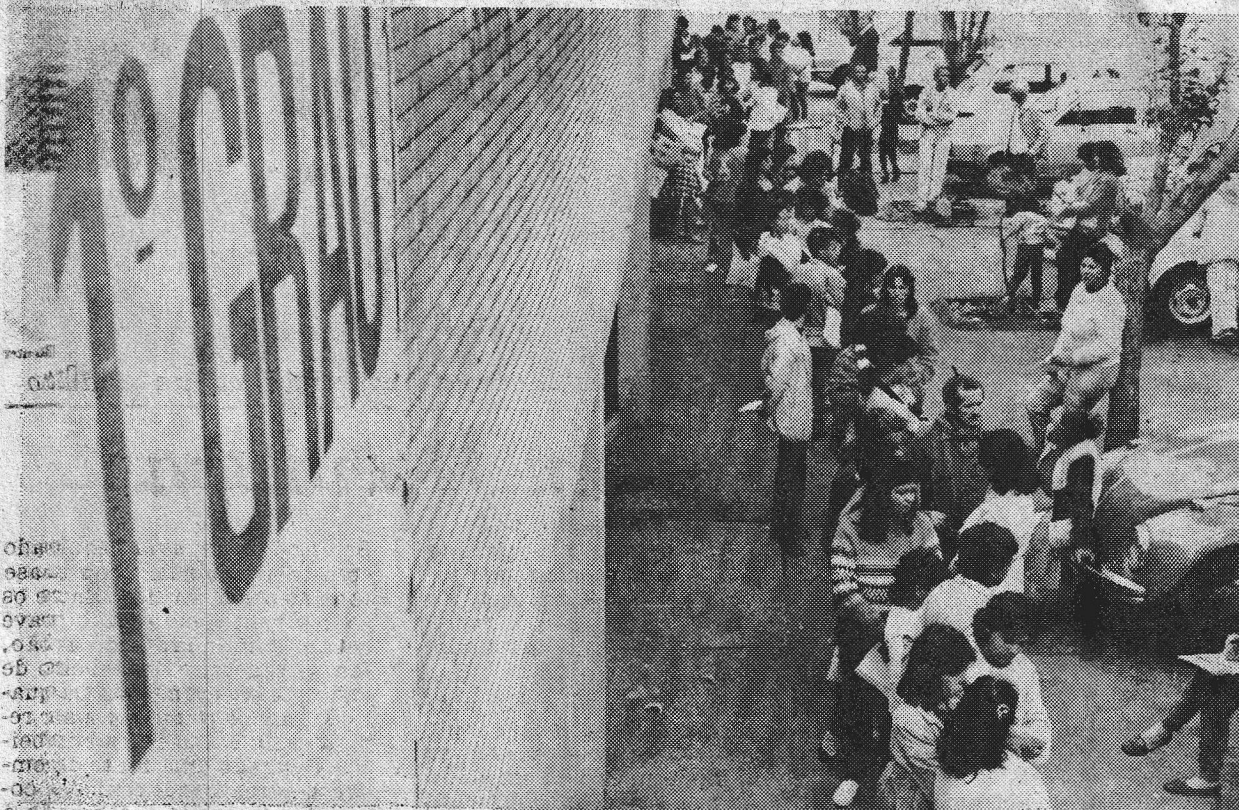
municipais e estaduais continuarão em campanha amanhã e terça-feira. Depois deste período, os estabelecimentos de ensino ainda receberão matrículas, mas sem esquema especial de atendimento que envolva maior número de funcionários. “Essa semana de matrículas é necessária, para avaliarmos o crescimento da demanda”, explica Fiorini.

## ALUGUEL

Na Grande São Paulo, o Estado conta com cerca de 300 mil vagas para a primeira série do primeiro grau. Esse número certamente não será suficiente para atender à demanda. Entre as alternativas de solução estudadas pelas Secretarias Estadual e Muni-

cipal de Educação, uma chama a atenção: “Vamos alugar salas, se houver necessidade”, promete Fiorini. O professor Antônio Carlos Machado, coordenador de Ação Educativa da Secretaria Municipal de Educação, concorda com ele.

Para tentar normalizar a oferta de vagas na Grande São Paulo, a Secretaria Estadual de Educação iniciou em agosto a construção de 504 novas salas de aula e lançou mão de outro expediente inédito: o Estado pretende levantar 308 salas pré-fabricadas em madeirit. Essas escolas de emergência serão levadas para os núcleos da Cohab, na Capital e municípios vizinhos. Elas têm duração média de cinco anos,



Paulo Vitale/AE